

Editorial

Tradições e Perspectivas na Produção de Conhecimento em Psicologia

Desde os princípios da Psicologia como ciência, esta abraçou o desafio (outrora filosófico, moral ou biomédico) de entender as origens das ações humanas. Para tanto, um dos passos centrais – ainda que não completamente revolucionários em relação à filosofia – foi a criação de conceitos específicos para que a Psicologia desse conta de explicar, à sua maneira as ações humanas. De acordo com Álvaro, Rosas, Schweinge e Garrido (2011) estes conceitos foram se organizando ao longo de um contínuo que antagonizava explicações que privilegiavam as influências do meio com um segundo extremo, de explicações que enfatizavam os processos internos, de natureza cognitiva ou emocional do ser humano.

Essa tradição criou diferentes perspectivas teóricas e metodológicas dentro da Psicologia, criando também a necessidade de ressignificar constantemente a disciplina, tanto internamente, como na capacidade de adaptar-se às demandas da sociedade, tanto em termos de pesquisa básica, como aplicada, uma vez que a barreira “interno/externo” é algo que apenas serve como exercício teórico na construção do conhecimento em Psicologia.

Mas a necessidade de diversificação teórica e metodológica da Psicologia, outrora interpretada como uma “fraqueza” – de uma disciplina pré-paradigmática –, hoje pode ser entendida como um reflexo contextual contemporâneo. O mundo de hoje se diversificou, como defende XX2, os mundos de vida se diversificaram: surgiram novas fórmulas de relação social, cobra-se saliência pública aos atores da produção do conhecimento, antes ocultos. Enfim, a resposta da Psicologia para atender às questões sociais, por exemplo, se posicionaram historicamente na racionalidade do científico. Nas palavras de Eisner (2003), a Psicologia definiu-se como um campo que lutou desesperadamente para ser considerado ciência (nos moldes tradicionais) e, dentro dos modelos de ciência vigentes quando da fundação da Psicologia oficial, a Física foi o modelo mais almejado, por sua tradição de rigor e controle. Portanto, não é de estranhar que a Psicofísica tenha sido, durante tanto tempo o modelo a seguir dentro da produção do conhecimento em Psicologia.

Assim, a Psicologia majoritária não prestou muita atenção à ancoragem da dimensão social na construção de uma Ciência Psicológica, posto que essa esfera estava distante de seu ideal, limitando-se a considerar tal ancoragem como apenas uma reflexão metateórica dos pressupostos filosóficos do modelo de ciência adotado. Essa postura intensificou a tendência, dentro da Psicologia oficial, de privilegiar o método em detrimento das perguntas de pesquisa, tal e como afirma Sánchez (2012).

Mas qual o resultado dessa análise das bases epistemológicas (ou melhor, das tradições predominantes na pesquisa em Psicologia) do fazer científico em Psicologia? Como defende Sánchez (2012), a resposta a essa pergunta é bastante óbvia, em uma análise historiográfica. Fica muito claro o papel dos pressupostos positivistas como formadores de um modelo metateórico que fundamentou a concepção de ciência psicológica que se impôs.

Essa história fez com que a definição prévia de temas de estudo e a consequente exclusão daqueles temas que não se encaixavam nos parâmetros científicos definidos definissem uma agenda de pesquisa quase hegemônica durante muito tempo. Mesmo com a “virada linguística” vivida nas ciências humanas e sociais a partir dos anos 1960 (Pizzinato, Cé e Oliveira-Machado, 2012), que enfatizou o caráter institucional das práticas de pesquisa enquanto espaços discursivos constituídos de práticas de linguagem com o objetivo de autovalidarem-se (a despeito dos discursos de neutralidade, objetividade...), a tradição positivista refunda-se na contemporaneidade. De acordo com uma perspectiva de crítica discursiva, por exemplo, fica clara a herança positivista não apenas nos

discursos sobre cientificidade, mas também nos discursos que definem os critérios de financiamento e os de admissão para publicação.

De acordo com Hoshmand (1999), o valor de uma estratégia de pesquisa também deveria considerar, na avaliação de seu mérito, a contribuição ao conhecimento e também suas implicações sociopolíticas e relevância cultural. O desafio, nesse sentido, seria o de como considerar as formas “não científicas”, mas sistemáticas de pesquisa, de produção e comunicação do conhecimento em Psicologia.

Nessa direção a *Psico* preocupa-se com diversidade, não apenas das formas de produção de conhecimento que se propõe a divulgar, mas também nas formas de sistematizar a divulgação do conhecimento por ela chancelado. Convidamos aos leitores a revisitarem as normas de publicação da revista, que foram adaptadas no sentido de realmente contemplarem as diferentes linguagens de produção do conhecimento possíveis na área. Dentre as modalidades de publicação incluem-se: relatos de pesquisa baseada em dados empíricos, estudos teóricos, revisões críticas da literatura, relatos de experiência profissional, como a descrição de procedimentos, estratégias e estudos de caso, descrição de instrumentos e técnicas originais de pesquisa, bem como resenhas de livros ou capítulos relacionados na área de Psicologia e outras áreas afins.

Além disso, com o compromisso de ampliação de sua divulgação, a *Psico* agora integra duas novas bases indexadoras, de grande abrangência ibero-americana. Em 2012, ingressamos nas bases DIALNET e PSICODOC, ambas espanholas. A primeira é o mais importante portal repositório da Espanha, nas mais diversas áreas do conhecimento e a segunda, é um dos mais importantes web repositórios específicos da área de Psicologia, com foco ibero-americano.

Tais mudanças objetivam a ampliação de leitores e potenciais autores, mas também a amplificação da discussão sobre a produção do conhecimento em Psicologia. Independentemente da subárea a que pertencer, que seja uma produção engajada com o objetivo de solidificar a disciplina, respeitando sua diversidade e implicada com o desenvolvimento científico, social e cultural, tal e como se espera da Psicologia e como fomenta a *Psico*.

Boa Leitura.

Adolfo Pizzinato
Editor Associado da Revista PSICO

REFERÊNCIAS

- Álvaro, José L., Rosas, Ana R., Schweiger, Inge & Garrido, Alicia. (2011). El síndrome psicológico: ¿herramienta analítica o psicologización de la realidad social? *Quaderns de Psicologia*, 13(2), 63-70.
- Eisner, Elliot (2003). The art and science of qualitative research in psychology. In: Camic, Paul, Rhodes, Jean & Yardley, Lucy (Eds.). *Qualitative research in psychology* (pp. 17-29). Washington: American Psychological Association.
- Hoshmand, Lisa T. (1999). Locating the qualitative research genre. In: Kopala, Mary & Susuki, Lisa (Eds.). *Using qualitative methods in psychology* (pp. 15-24). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Pizzinato, Adolfo; Cé, João P. & Oliveira-Machado, Rodrigo (2012). Apuntes metodológicos para el análisis narrativo de datos visuales en psicología. *Diversitas*, 8(1), 13-27.
- Sánchez, Euclides (2012). La investigación cualitativa en psicología: ¿Por qué ésta metodología? *Quaderns de Psicologia*, 14(1), 83-92.